

Texto de Agnaldo Farias para a exposição Florestas Encantadas 2010

Há um frescor pouco comum hoje em dia nessas pinturas da jovem Leonora Weissmann, a Loló, uma curiosidade infatigável por pessoas e paisagens, no mais das vezes representadas com a naturalidade desses registros fotográficos despreziosos, feitos com a finalidade de capturar uma cena ou um momento singelo e tocante, protagonizados por gente que nos é querida – pai, mãe, crianças, um amigo que se mudou para um sítio - ou por fragmentos da natureza que nos surpreendem pela variedade cromática ou pelo mosaico de formas cambiantes produzidos pela luz solar.

De saída folheamos este catálogo ou visitamos sua exposição, a primeira individual que ela realiza em São Paulo, com um sentimento próximo, a mesma sorte de simpatia que se desprende quando nos detemos num álbum de família que não a nossa ou encontramos dentro de uma gaveta uma coleção de imagens que não nos pertence embora no fundo e estranhamente nos seja bastante familiar. Mas é uma sensação que aflora somente no primeiro contato, quando ainda estamos sob o efeito da desatenção habitual que nos leva a suportar um cotidiano no geral insípido. Pois em seguida vemo-nos repassando essas pinturas uma a uma, intrigados pelo aparente prosaísmo dos motivos representados, percebendo que eles são produzidos com uma qualidade incomum, fundada na bifurcação, no trato equilibrado de dois aspectos: de um lado, os enigmas persistentes e ilimitados da figura humana e da paisagem e, de outro, a defesa da pintura, com seus atributos tão especiais, como meio mais adequado para dar conta deles.

Pessoa e paisagem; pessoas metidas em paisagens; pessoas tratadas como se fossem paisagens; paisagens. Para começar, o que é um rosto senão uma paisagem, especialmente quando apresentado em grandes dimensões, em formato vertical, como um espelho colocado à nossa frente? O rosto, essa fonte inesgotável de mistério, nos é apresentado em versões variadas, consoante os diversos modelos de que a artista se vale: sérios e sorridentes, compenetrados e pensativos ou com o desajeito típico de quem não se sente a vontade posando. Junto com isso vem a cuidadosa modelação de cada imagem, o evidenciamento de suas depressões e saliências mais ou

menos suaves, as áreas sombreadas, o contorno dos cabelos e das sobrancelhas, o desenho escandido da armação dos óculos. Como também nos chama a atenção a geometria espontânea ou organizada dos braços e pernas, o modo como as duas meninas avançam no meio do mato equilibrando-se com os braços abertos, um homem acomoda-se inclinando seu tronco sobre um guarda corpo, uma mulher abandona-se descansando sobre uma pedra, dois homens, registrados de frente, celebram sua amizade num abraço mútuo, uma mulher sentada com as pernas desalinhadas surpreende-nos pelo feerismo cromático de seu vestido, as linhas verticais exaltadamente coloridas que capturam e alimentam nosso olhar.

Pinturas como essas desaceleram nossa atenção obrigando-a a focar, fazendo com que notemos o alto grau de liberdade que a artista dá às suas pinturas, liberando-as para ir além da simples representação veraz daquilo que se vê. Roxa, rosa, azul, amarela, cada calça ou camisa é pretexto para tramas delicadas, complexas urdiduras de cores, variações de tons que oscilam de soluções intimistas até acabamentos ruidosos. E o que dizer dos espaços onde as figuras se inscrevem, sobretudo aquelas que não se inscrevem em paisagens naturais, como os dois meninos ou a menina solitária com o cabelo encaracolado e os braços colados ao corpo? Estão todos eles suspensos no ar, submersos em atmosferas densas, turvadas por texturas esmaecidas, variadas quanto ao acabamento e matizes tonais.

Há, por certo, uma homologia entre essa compreensão da natureza da pintura e a música, de resto o outro território freqüentado por Loló. E essa constatação se evidencia no modo de ela tratar a paisagem, pensando-a sempre como uma massa de timbres, um amálgama de formas e cores. Com seus troncos, galhos e folhagens, as árvores e as massas de vegetação são pretextos para digressões sobre o verde, expansão do horizonte de tons possíveis interrompidos aqui e ali por irrupções de cores contrastantes, associados a uma miríade semelhante de formas, do ritmo frenético de linhas curtas verticais ou horizontais justapostas à vórtices circulares, tudo isso combinados com acontecimentos mais organizados, provenientes de um desejo de ordem. Do mesmo modo superfícies aquáticas e colinas de pedra, cujas sobreposições e transparências sugerem procedimentos próprios a técnica de aquarela, são o álbi para que a pintura se afirme como um modo peculiar de produzir o visível, uma exaltação da certeza de que a

linguagem nasce do contato com o mundo mas não se confunde com ele. E talvez resida justamente aí o encanto desencadeado pelas pinturas dessa jovem, que ousam abordar o familiar para demonstrá-lo como infinito, passível de ser incessantemente renovado.

There's a freshness that is uncommon nowadays in the paintings by young Leonora Weissmann, or Loló for those who know her close. There's an intense and everlasting curiosity for people and landscapes, most of times represented with the natural atmosphere of family portraits, in which the protagonists are our beloved ones – father, mother, children or a close friend who has moved away – or either amazing fragments of the nature that catch us by surprise due to its variety of colors or the changing mosaic of light that is produced by the sun.

As we start flipping through the pages of this catalogue and as we visit her first individual exhibition in Sao Paulo we experience the same sort of feeling as that of looking at a family album that's not ours, or finding at the bottom of an old drawer an odd collection of images that strikes us as extremely familiar. However, this feeling doesn't last long - just while we are immersed in an ordinary lack of attention, the numbness that helps us put up with our sometimes tasteless everyday life. A moment later we find ourselves scanning her paintings one by one, puzzled by the apparent simplicity of her representations as we realize the uncommon level of the works, based on a balanced duality: on the one side, the unlimited possibilities of the human figures and landscapes; on the other side, the special qualities of the painting techniques as vehicles for its subjects.

Person and landscape; people placed in landscapes; people dealt with as if they were landscape; landscape per se. To start with: what is a face if not a landscape, especially when presented in greater dimensions, vertically, as a mirror placed before our eyes? The face, this inexhaustible fountain of mystery, is presented in various versions, according to the models used by the artist: serious and smiling, focused and thoughtful or with the typical clumsiness of those who feel too self-conscious to pose for a portrait. Together comes the careful molding of each image, the highlighted details of wrinkles or lumps, shadowed areas, the outline of eyebrows and the hairlines, the hidden lines behind spectacle frames. Also, we get caught by the spontaneous or either well-organized geometry of arms and legs: the way two girls step forward into the woods balancing with open arms, the way a man leans against a banister, how a woman lies abandoned as she rests on a stone,

two men portrayed face-forward, celebrate their friendship in a mutual hug, how a woman sitting with lazy legs surprises us with the fairy-like hues of her dress, the lively and colorful lines that catch and nourish our eyes.

Paintings like these bring our attention to a different level, slowing us down, making us focus, and making us notice the high level of liberty given by the artist to her works – she frees her painting to go beyond the mere representation of what can be seen. Pink, purple, blue, yellow – each shirt and each pair of pants is a reason for delicate creations, complex weavings of colors, and variation of tones that go from intimist solutions to more intense finishing. And what is there to be said about the spaces in which the images are inserted, especially those who are not put into natural landscapes such as the two boys or the girl with curly hair and arms apparently glued along her body? They are all suspended in thin air, submersed in dense atmospheres, blurred by withering textures that vary according to finishing and hues.

There is certainly a connection between the understanding of the art's nature and music, another area to which Loló has dedicated her life. And this can be seen in the way she deals with her landscapes, a mass of tunes, a cluster of shapes and colors. With her trunks, leaves and twigs, the trees and vegetation are an excuse for wondering around greens, expanding the possibilities for broader horizons interspersed with contrasting colors, associated to a myriad of shapes in a frenzy rhythm of sharp, short vertical and horizontal lines, overlapping vortexes combined to an eventual sense organization, generated from an original desire for order. Similarly, aquatic surfaces and stony hills, whose juxtapositions and transparencies suggest the nature of watercolor techniques, are the alibi for the painting to stand as a peculiar way of producing the visible – an exultation of certainties in which the language however born from a contact with the world, stands independent from this very world - it doesn't blend with it. And perhaps this is precisely where the charm of this young lady's work lies; works of art that dare to address what's familiar to show it as extraordinary, as everlasting, and forever renewable.

Agnaldo Farias

English Version by Carolina Romano Fabrini

